

# Bobby biri-night drink show

João Alberto Diniz.  
(UFPE, 1981)

José Roberto de Albuquerque, Roberto, Zé Roberto, como todos o chamavam. Cinquenta e poucos anos, uma vontade de viver imensa, uma disposição para o trabalho sem igual.

Formou-se em geologia na turma de 1978/79, destacando-se, já na faculdade pelo espírito aventureiro e brincalhão. Segundo gostava de contar, já na primeira aula de Geologia Geral, o professor Waldir Duarte fazendo a chamada, ao chamar José Roberto, ele respondeu: o bom!

Atrevido como que só, contam que certa vez em uma excursão de Geologia do Brasil, de noite no hotel, todos assistindo a televisão, inclusive o prof. Bley, Roberto resolve que é hora de dormir e simplesmente desliga a televisão.

Até onde sei, trabalhou com mineração (“Projeto Calcários de PE” da Minérios de Pernambuco executado por Ricardo Maranhão, e no Grupo João Santos); com geotécnica, era metido a engenheiro civil, gostava de fazer estradas (Geogrupo e em várias construtoras), e com Hidrogeologia (na Pocrese, Polipoços, SGN, Mecsonda e em uma empresa de São Paulo, cujo nome não me recordo).

Nos hiatos da Geologia, como me dizia, foi dono de mercadinho, fazendeiro e corretor de imóveis, profissão exercida até pouco antes de sua morte, deixando-a para voltar para a Geologia, para “um contrato arretado em Angola, bicho”. Assim, este “contrato arretado” ele firmou com Deus, que certamente estava querendo se divertir com suas doidices lá no céu.

Entre as muitas estórias de Roberto, algumas são inesquecíveis, como aquela de quando ele tinha seu mercadinho lá na rua do Bom Pastor (Engenho do Meio) e uma bela sexta-feira, apareceu um ladrão para levar seu apurado. Roberto se agarrou com ele, deu-lhe uma surra e depois o mandou embora.

De outra feita, ia eu a trabalho para a Bahia e passando por Aracajú resolvi dormir naquela cidade. Para minha surpresa, ao chegar na portaria do famoso Jacques Hotel, encontro Roberto, que estava trabalhando por ali em um empresa de São Paulo.

Ao me ver fez aquela tradicional zuada e convidou para dormir no apartamento dele – economiza tua diária cara, no meu apartamento tem duas camas e é tudo de graça, pago pela empresa – alegou.

Satisfeito por encontrar meu amigo e ainda economizar a diária aceitei e passamos uma agradável noite juntos. No dia seguinte tinha que partir, o trabalho me esperava na Bahia. Quando tu volta, perguntou, alegando que nesta ocasião podia ir direto para lá, ia passar por ali uns três ou quatro meses.

Cerca de um mês depois eis-me de volta a Aracaju. Fui direto para o Jacques Hotel, onde cheguei perguntando ao recepcionista pelo apartamento do Dr. José Roberto de Albuquerque. Depois de consultar varias vezes o livro de hóspedes sem localizar tão ilustre pessoa, e depois

de eu mudar o nome dele para Roberto, José Roberto, José de Albuquerque, Roberto Albuquerque, etc., sem qualquer sucesso, o solícito funcionário do hotel me sugere que pergunte a um outro hóspede que está ali ao lado, no bar do hotel e era geólogo, certamente ele haveria de conhecê-lo.

Fui falar com este geólogo – um paulista chamado Adilson -, recomeçando a mesma combinação de nomes de nosso amigo, visto que Adilson também não o conhecia.

Depois de umas quatro ou cinco doses de uísque, Adilson me pede para descreve-lo, quem sabe assim não se lembraria.

Comecei a falar, descrevendo-o como um cara meio calvo, meio gordinho, papudinho mesmo, estatura mediana, barbicha, etc., quando vi a fisionomia do geólogo paulistano se iluminar e exclamar: há, porra, é “bobby biri-night drink show e eu sei onde ele está agora”.

Partimos imediatamente para uma boate na praia de Atalaia, onde encontramos o velho Zé Roberto, só de sunguinha de praia, dançando ao lado de três mulheres em cima de uma mesa ao som de borobodá de Reginaldo Rossi.

Outra vez eu estava no Maranhão, novamente a trabalho e fui ao Bradesco na cidade de Bacabal. Ao parar o carro e começar a atravessar a rua ouvi alguém chamando João, João. Não é comigo, pensei, não conheço ninguém nesse lugar. Continuei a caminhar até ouvir o grito: João Cascão, filho de rapariga, não ta ouvindo não, é?

Era de novo Zé Roberto, que estava por ali construindo estradas. Tomamos um porre homérico e quase acabo com meu casamento (minha mulher também estava por lá).

Certo dia fui com minha mulher, que trabalhava na Secretaria de Saúde do Estado, e um casal de jornalistas do sul que tinham vindo para cá fazer uma campanha publicitária do Ministério da Saúde e estavam trabalhando com ela, para um bar chamado Espaço Antonio Maria, no Recife antigo. Ambiente fino, um músico ao piano e outro tocando sax, em entrar ouço novamente o já tradicional “João Cascão, filho...”. Lá estava ele, o velho e bom Zé Roberto, com uma matuta que tinha trazido do interior do estado. Dei-lhe o maior esporro, o local não comportava uma atitude daquelas, veja só o sax, o piano. Grande merda, respondeu Roberto, espera aí que tu vai ver só o que é música.

Foi até o carro e voltou com seu indefectível triangulo e pelo resto da noite ouvimos jazz boleriado ao ritmo de forró, devido ao seu acompanhamento musical tão inusitado.

Em Ibimirim – PE, já trabalhando juntos, alugamos uma casa, onde ficavam os peões durante os fins de semana e onde revezávamos os períodos de campo. Roberto foi quem primeiro começou morando na casa e ao chegar minha vez de ir para lá, encontrei tudo limpinho, camas forradas, comida na mesa. Fui elogiar sua organização e ele me disse que não era nada demais, tinha arrumado duas namoradas, uma para ele e outra para mim, para servirem de faxineiras durante nossas estadas por lá.

Outra vez, passei por acaso em um poço que estávamos perfurado no bairro do Pina, aqui no Recife, pleno sábado, por volta das 3 horas da tarde. Encontrei os trabalhadores todos com fome, reclamando do dinheiro do almoço.

Ora, retruquei, Roberto já não passou por aqui? Passou sim, responderam, mas tava com uma sede tirana (pra ir tomar uma), que nem deu tempo falar com ele!!

Recentemente, antes de morrer Roberto fez um curso de cortes especiais de caprinos. Tinha comprado uma fazendola em sua terra natal – Sertânia, onde criava bodes, carneiros, bois e até emas. Sonhava em voltar para lá com algum dinheiro, quem sabe montar um frigorífico, já tinha os bodes, já sabia tirar dos mesmos picanhas, maminhas, etc. .Certamente foi atrás deste sonho que aceitou ir para a África, ganhar dinheiro, ser feliz.

Infelizmente Deus o chamou antes, mas tenho certeza que esteja onde estiver, Zé Roberto está fazendo a maior festa.